[€MPRESAS & DESENVOLVIMENTO]

Vila Franca debate oportunidades

O concelho de Vila Franca de Xira pode ter novas oportunidades de desenvolvimento, mas para isso tem que saber aproveitar as potencialidades que tem em domínios como as tradições culturais que o distinguem, a frente ribeirinha, o Tejo, a indústria aeronáutica e a reabilitação de espaços urbanos antigos. Estas foram algumas das principais conclusões da conferência realizada, na semana passada, em Alverca, onde o coordenador da elaboração do Plano Estratégico Concelhio afirmou claramente que as estratégias de desenvolvimento definidas e aprovadas pela Câmara há 10 anos praticamente não saíram do papel.

Central Cervejas e Bebidas

O Nosso Compromisso

Já contaram com o nosso apoio, via Município de Vila Franca de Xira, as instituições:

- Sociedade Euterpe Alhandrense
- Associação Popular de Apoio à Criança
- Cegada - Grupo de Teatro
- Sociedade Filarmónica Recreio Alverquense
- União Atlético Povoense
- Grupo Desportivo de Vialonga
- Grupo Recreativo Bragadense
- Agrupamento de Escolas Pedro Jacques de Magalhães
- Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Vialonga
- Grupo Dramático Povoense
- Gruta Forte - Grupo de Teatro
- União Desportiva Recreativa Casalense
- Cercipóvoa
- Agrupamento de Escolas Póvoa de S. Martinho
- ACAN - Associação Coral Ares Novos
- União Desportiva Cultural e Social do Quintanilho
- Sociedade Recreativa da Granja
- Corpo Voluntário de Salvação Pública da Póvoa de Stª Iria

Desde 2009 a APOIAR também as famílias necessitadas da Comunidade onde estamos inseridos.

Futuro do concelho de Vila Franca em debate

Empresários e autarcas procuram "novas oportunidades" de desenvolvimento

O concelho de Vila Franca de Xira, pela sua localização e pelas suas características multifacetadas, tem potencialidades de desenvolvimento que precisa de saber aproveitar. A aposta nas zonas ribeirinhas, na promoção da sua identidade tradicional, na aeronáutica, na formação profissional, na agricultura e nalguma reindustrialização foram ideias fortes que saíram da conferência promovida, na passada quinta-feira, em Alverca. Da iniciativa resulta também a conclusão de que boa parte do plano estratégico de desenvolvimento delineado para o concelho há cerca de 10 anos acabou por nunca sair do papel. Parceiro da organização e empenhado também em contribuir para a reflexão e para a dinamização da economia regional, o jornal Voz Ribatejana dedica um suplemento especial a este tema e às perspectivas da economia da região.

Jorge Talixa

Reflectir sobre as oportunidades de desenvolvimento do concelho de Vila Franca de Xira e unir empresários, autarcas e cidadãos em geral nesta discussão foi o objectivo, conseguido, pela conferência organizada, na quinta-feira, em Alverca. Participaram cerca de 200 pessoas na iniciativa, liderada por três organizações representativas das empresas da região, a Aerlis (Associação Empresarial da Região de Lisboa), a Adine (Associação de Dinamização Empresarial) e a ACIS-Associação Empresarial dos Concelhos de Vila Franca e de Arruda. A discussão revelou-se animada e terá pecado apenas por juntar algumas intervenções de enquadramento da economia global e nacional, que roubaram algum tempo à reflexão sobre os temas locais. No ar ficou, todavia, a ideia de que fóruns deste tipo deve repetir-se e alargar-se regularmente no concelho vila-franquense.

Victor Silva, presidente da Adine e um dos principais impulsionadores da organização, começou por salientar que a elevada adesão de empresários a esta conferência veio mostrar "quão importante é esta reflexão", principalmente num momento em que o país e a região se debatem com grandes constrangimentos, com o fecho de empresas e de estabelecimentos comerciais e com o aumento do desemprego.

"Sociedades mais competitivas são sociedades com maiores possibilidades de sucesso", salientou o dirigente empresarial, frisando que se impõe uma correcção do rumo dos processos de desenvolvimento deste concelho e do país. Victor Silva defendeu, por isso, uma aposta na dinamização da indústria de bens transacionáveis de média e alta capacidade tecnológica, uma aposta na educação superior e na formação profissional e uma aposta na captação de clientes através de produtos diferenciados. "O investimento é a chave central para a nova agenda de crescimento. Vive-se num contexto de profunda crise e a urgência de dar um sentido estratégico ao nosso desenvolvimento mais do que se impõe. Portugal precisa de entrar numa rota de investimento na tecnologia e comunicações, na biotecnologia, no sector automóvel e no sector alimentar, entre outros", vincou, afirmando que, "cada vez mais é necessário criar redes locais de desenvolvimento económico".

Novas áreas empresariais

"A aposta em novas empresas constitui um compromisso de mudança. São necessárias áreas de localização empresarial, dotadas de infra-estruturas que possam permitir a instalação célere de novas indústrias", prosseguiu Victor Silva, observando que "a economia precisa de pessoas confiantes, só assim sairemos, paulatinamente, desta situação de crise, que tanto nos desgasta e preocupa. O concelho de Vila Franca não pode ser um espaço que assista ao definhamento da economia", rematou.

Carlos Monteiro, presidente da ACIS, também salientou que é necessário pensar a economia local porque ela é o sustentáculo de qualquer sociedade. No entender do dirigente da Associação Empresarial dos Concelhos de Vila Franca de Xira e Arruda dos Vinhos , há muito que o Mundo ocidental está a desenvolver modelos de desenvolvimento que são "insustentáveis".

Por isso, Carlos Monteiro defende que é preciso inverter este caminho, começando por cativar as pessoas a voltarem a habitar o centro das cidades. Nesse sentido, referiu, a ACIS está a desenvolver o projecto Jessica, com o qual pretende criar condições para dinamizar e voltar a ter população no cais de Vila Franca. "O projecto Jessica é uma forma de encontrar recursos para inverter este ciclo, porque hoje temos os centros das cidades desabitados e as periferias muito habitadas, com grandes custos de combustível nas deslocações das pessoas", vincou.

Bolsas de negócios

Depois, prosseguiu, a ACIS tem vindo a ajudar os seus associados a desenvolverem novas ferramentas e a estarem presentes na Internet. A internacionalização é outro dos desafios actuais para muitas empresas, mas "´só conseguimos fazer a internacionalização se criamos bolsas de contacto. Esta internacionalização é totalmente insustentável para uma empresa pequena. Qualquer aventura no estrangeiro para uma pequena e média empresa custa muitíssimo dinheiro. A única forma de o fazer é partilhando custos, é através das associações em bolsas de negócios. É essa a forma em que a ACIS está a trabalhar", acrescentou Carlos Monteiro, referindo-se à recente criação de um Bolsa de Negócios em Moçambique.

Reabilitação urbana e industrial

Ainda na sessão de abertura, Maria da Luz Rosinha realçou as expectativas depositadas nesta conferência, porque se aguarda que da reflexão produzida "possam surgir novas opções". A autarca vila-franquense destacou o elevado número de empresas presentes e o conjunto de oradores, admitindo, todavia, que muitas destas questões se discutem já num plano mais alargado. "É evidente que a Região de Lisboa e Vale do Tejo deve definir que políticas de desenvolvimento pretende para o seu espaço. A nós autarcas e aos senhores empresários compete-nos ser uma parte activa na definição das políticas, sabendo criar condições para a afirmação regional do concelho e criando condições favoráveis à manutenção e fixação de um sector empresarial forte e competitivo", salientou a presidente da Câmara de Vila Franca de Xira, destacando também as questões da reabilitação urbana e industrial. "Vila Franca é um concelho associado à cintura industrial de Lisboa. Não renegamos este passado, ainda hoje relativamente presente", referiu a edil, reconhecendo que algumas empresas de grande dimensão encerraram entretanto e as suas antigas instalações estão, hoje, degradadas e abandonadas, em muitos casos porque os processos se arrastam durante décadas nos tribunais.

"Estas situações devem ser encaradas como novas oportunidades, assentes em empresas mais pequenas, talvez, mas em novos nichos de mercado e integrando estratégias de desenvolvimento regional", concluiu.

Victor Silva defendeu o reforço de sinergias entre as autarquias e as associações empresariais

Aerlis faz 21 anos e tenta reforçar competitividade das empresas

António Ferreira de Carvalho explicou qual tem sido o papel da Aerlis ao longo dos seus 21 anos de existência. A Associação Empresarial, constituída a 12 de Fevereiro de 1992, actua nos 16 concelhos do distrito de Lisboa, onde estão registadas cerca de 84 mil empresas. "Ao longo de 21 anos, a Aerlis tem procurado ser uma força ao serviço das empresas, oferecendo informação tratada às 84 mil empresas que constam da nossa base de dados, permitindo que se tornem mais competitivas, realizando congressos, reuniões e *workshops*, desenvolvendo parcerias", explicou o presidente da Aerlis, salientando que associação procura tornar-se uma estrutura de parceria, visando mobilizar as pessoas.

"Não nos podemos esquecer que os empresários são quem cria riqueza, são quem dá emprego. Devemos aproveitar esta crise para repensar as nossas empresas", sustentou António Ferreira de Carvalho, realçando também o papel dos municípios como "protagonistas" essenciais nas suas regiões.

Empresas debatem-se com falta de mão-de-obra qualificada

Formar jovens técnicos é aposta de futuro

A formação e a sua articulação com as necessidades do mercado foram um dos temas centrais do primeiro painel.

Gonçalo Xufre, docente natural de Alverca que é actualmente o presidente da Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (ANQEP), protagonizou uma das intervenções que motivou mais reflexão entre os presentes. A ANQEP sucede à estrutura que geria o antigo programa Novas Oportunidades, promovido pelos últimos governos socialistas e contestado pelo actual Governo da maioria PSD/CDS-PP. Os centros novas oportunidades têm vindo a fechar e Gonçalo Xufre explicou qual é a estratégia do actual governo.

Pelo meio, muitos dos presentes defenderam uma aposta na recuperação da antiga filosofia do ensino técnico.

Gonçalo Xufre, que é também o presidente da Concelhia de Vila Franca do PSD, lembrou que 99,9 por cento do tecido económico português é constituído por pequenas e médias empresas e que 96% destas são micro empresas. "Não temos dúvidas que a qualificação é um factor chave na competitividade e no desenvolvimento", vincou, mas "chegamos à conclusão que muitos fazem formação apenas relacionada com os requisitos legais".

Considerando que Portugal tem que olhar para a qualificação como uma estratégia, Goncalo Xufre salientou que o antigo programa Novas Oportunidades tinha dois eixos, um vocacionado para a certificação e reconhecimento de competências dos adultos (emitiu cerca de 400 mil certificações) e outro para formação profissional de jovens. E é neste campo que a ANQEP e o Governo querem, agora, mais apostar.

A ideia será criar condições para que, depois do secundário, os jovens que não tenham perspectivas no ensino superior possam frequentar cursos de formação técnica ajustados às necessidades das empresas da sua região. De acordo com Gonçalo Xufre, o plano passa pela assinatura de protocolos com os 308 municípios do País, o primeiro dos quais foi celebrado, na quarta-feira, em Cascais. A ideia é que as autarquias e as comunidades intermunicipais participem na definição dos cursos mais adequados para as necessidades das suas regiões.

Mas o presidente da ANQEP admite que se vai avançar para esta nova aposta no ensino técnico sem dinheiro para equipar escolas e centros de formação. Pretende o Governo, segundo explicou, que, ao mesmo tempo, se aproveitem os equipamentos já existentes e as capacidades do pessoal docente. É que, sublinha, o problema dos jovens qualificados sem emprego afecta sobretudo aqueles que concluíram o secundário, seguiram para a faculdade, mas não conseguiram acabar a formação superior. E muitas vezes as empresas não encontram jovens com formação técnica adequada às suas necessidades.

"Cerca de 47 por cento dos jovens do secundário já optam pelo ensino profissional. É uma realidade que não é marginal. Mas falta fazer a reestruturação, falta dar sentido, para que a formação corresponda às necessidades dos empregadores. É este sistema que é preciso conseguir montar", vincou, salientando que "não há dinheiro" para voltar a equipar as escolas com estruturas de formação técnica, mas que é necessário aproveitar mais o que existe em estabelecimentos de ensino (públicos e privados com contrato de associação) e nos centros de formação profissional.

"Sabemos que existem estes equipamentos. A única forma é conseguir articular toda esta rede dispersa, em que cada um dará o que pode dar. E o desenho da oferta deve ser construído em diálogo com as comunidades locais, porque as necessidades no Algarve não serão as mesmas de Trás-os Montes", prosseguiu, admitindo que este será "um sistema educativo muito mais complexo de gerir", porque cada curso carece de recursos humanos e materiais específicos, mas deve ser "dado no sítio certo" e corresponder às necessidades das empresas da região em causa.

Para isso, reconhece Gonçalo Xufre, a ANQEP não tem capacidade para desenvolver todas estas necessidades de formação e pretende contar com a parceria dos municípios para "conseguir pôr o tecido empresarial a comunicar com o tecido formativo".

"Temos que ter um sistema que permita aos jovens, aos 18 anos, prosseguirem os seus estudos para uma especialização em determinada área, visando ir de encontro às necessidades do mercado de trabalho", acrescentou, citando o exemplo da EDP que precisa de 600 novos profissionais habilitados na área das energias mas que não os consegue encontrar no mercado. Segundo referiu, em articulação com a ANQUEP, foi criado um novo curso, que já integra o catálogo da Agência, através do qual vão ser formados 600 jovens com colocação garantida naquele grupo energético.

A conferência encheu o auditório da Filarmónica Alverquense

> *"Não temos dúvidas que a qualificação é um factor chave na competitividade e no desenvolvimento*
>
> **Gonçalo Xufre**

"Saber fazer"

O debate que seguiu às intervenções dos oradores incidiu sobretudo sobre a recuperação da filosofia do ensino técnico, de certo modo abandonada nos últimos 30 anos. David Nunes, um dos assistentes que participou, ele próprio antigo quadro técnico, defendeu uma "aposta no saber fazer", frisando que "os quadros técnicos sempre foram um elemento fundamental".

"Neste momento estamos numa crise e fala-se novamente numa reindustrialização. E nesta reindustrialização entre uma componente muito importante que é formação dos quadros. Nós abandonámos a formação do saber fazer e não temos jovens quadros que cheguem às entidades produtivas e saibam fazer", lamentou, preconizando o desenvolvimento de escolas profissionais adaptadas às necessidades do desenvolvimento da indústria.

É que, no entender de David Nunes, com a entrada de Portugal na CEE "toda a gente quis ir atrás do dinheiro fácil" e isso "foi o descalabro para o nosso país".

Já Henrique Levezinho, dirigente do Rotary Club de Vila Franca, defendeu que é necessário que o sistema bancário comece novamente a financiar as pequenas e médias empresas, salientou que é também necessário formar empresários e defendeu também que o mercado de trabalho não pode "continuar a desprezar" pessoas com mais de 50 anos, muitas vezes com grande experiência profissional.

Alberto Mesquita, vice-presidente da Câmara de Vila Franca, destacou os méritos do programa Novas Oportunidades e lembrou o percurso que fez também enquanto funcionário de uma das grandes empresas locais, a Mague. "Parece-me que, hoje, muitas vezes a formação desenvolvida não tem muito a ver com as necessidades das empresas dos diversos concelhos. Muitas vezes os centros de formação são o terminus de um percurso dos nossos alunos e muitas vezes o sucesso desse trabalho é diminuto, porque os alunos são retirados do seu meio. Não sei se não deveríamos desenvolver iniciativas para que esta área de formação pudesse constituir uma interligação entre os centros de formação e os agrupamentos escolares", sugeriu.

7º ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO FUNCIONÁRIOS DA EX-MAGUE

06 DE ABRIL DE 2013 - SÁBADO
Quinta do Barco - ALVERCA

❖

Para Marcações contactar:
Fernando Moreira: 962 616 425
m.isabelmrmota@gmail.com
Marcações até 02 de abril

❖

«A crise não pode fazer esquecer a amizade»

Oliveira das Neves reconhece que boa parte do plano não se concretizou

Por que é que "falhou" o Plano Estratégico Concelhio?

O Plano Estratégico Concelhio de Vila Franca de Xira foi concluído e aprovado em 2003. Mas, 10 anos volvidos, conclui-se que muitos dos grandes objectivos traçados não foram alcançados. O concelho precisa de encontrar, agora, novos caminhos.

Jorge Talixa

Vila Franca de Xira também tem um PEC, neste caso o Plano Estratégico Concelhio, concluído em 2003. António Oliveira das Neves, docente universitário e um dos coordenadores técnicos da elaboração deste estudo, protagonizou, na quinta-feira, uma das intervenções mais incisivas e também mais controversas da conferência. Afirmou, claramente, que muito pouco do que estava preconizado neste Plano Estratégico, aprovado pelos autarcas locais, foi concretizado.

"A elaboração do PEC de Vila Franca de Xira finalizou em 2003. Tinha um conjunto de boas ideias. Mas, volvidos 10 anos, a revisitação que diz ao documento está longe de ser animadora", admitiu, explicando que, na altura, foram desenhados quatro cenários de desenvolvimento para os 10 anos seguintes, mas que um deles não chegou a constar do documento final. "Foi um trabalho francamente consensualizado. O cenário mais pessimista dizia que íamos ter um processo de evolução lenta, que se acentuaria a periferização do concelho. O mais optimista dizia que teríamos uma integração regional, crucial para que os espaços locais possam ter margem de atracção, capaz de aproveitar os dinamismos internos e de atrair dinamismos externos", referiu Oliveira das Neves, começando desde logo por questionar por que é que "não vingou o cenário-chave escolhido".

No seu entender, não se concretizaram um "conjunto assinalável de pressupostos", porque, por exemplo, estava prevista a qualificação de áreas de acolhimento empresarial. "Por razões como a dinâmica do investimento das empresas e a reorganização das áreas industriais, acabá-

Oliveira das Neves (à esquerda) protagonizou uma das intervenções mais incisivas

revista Vida Ribatejana nº4

SAI A 21 DE MARÇO

Novo Hospital de Vila Franca de Xira vai servir 250 mil habitantes

A obra, os profissionais e os novos serviços

O trabalho exemplar das "Batas Amarelas" (voluntárias dos Amigos do Hospital)

Triatlo do Alhandra é exemplo nacional

Região tem grandes figuras e serviços de qualidade na Saúde

Perspectivas para a nova época tauromáquica

Entrevista com Maria da Luz Rosinha

A Mulher e a Autarca

Publicidade: comercial.vozribatejana@gmail.com

938 850 664 | 936 645 773 | 964 470 639